

Índios e seringueiros selam união da floresta

A fala do índio

Antigamente a gente não conhecia o direito. A palavra direito não existia na nossa língua. Não existiam leis escritas porque a gente vivia de acordo com as leis da natureza. Foi então que chegou o homem branco, que matou a maioria dos nossos parentes, roubou as nossas terras e passou a ensinar a gente uma nova maneira de viver. O Homem branco quer nos chamar de brasileiros e a nossa terra, que é pouca, ele já acha muita. Mas já que temos que viver sob as leis dos brasileiros, nós temos que ter os mesmos direitos. Nós sabemos que temos o direito de viver na nossa terra em paz e com saúde. Nós sabemos que temos direito de exigir do governo ajuda financeira para todos os nossos parentes, pois o dinheiro que está nas mãos do governo foi produzido pelos trabalhadores. E nós somos trabalhadores. Outra coisa que aprendemos é que, para garantirmos a preservação da nossa casa, que é a floresta, é preciso que haja uma forte união dos povos da floresta, os índios e os seringueiros. Só com a organização firme dos povos da floresta poderemos conquistar nosso direito de viver em paz, na floresta Amazônica que é a nossa casa e a razão das nossas vidas. Como todos aqui presentes sabem, muitas de nossas comunidades estão sendo ameaçadas por projetos militares de fronteira, ameaçadas por hidroelétricas que certamente inundarão muitas terras de nossos parentes, ameaçadas por garimpeiros, ameaçadas por projetos de estradas. Nós somos gente de paz, não temos armas, e estamos aqui reunidos para discutirmos entre nós como enfrentar esses novos problemas. Apesar de sermos de paz, muitos de nós já foram mortos. Como parar esta situação de ameaça? Só uma forte organização dos índios e seringueiros poderá ter a força moral que levantará uma voz de protesto tão alta que será escutada no mundo inteiro. Aí veremos se vergonha é mesmo uma qualidade do homem branco.

A fala do seringueiro

Há muito tempo só havia o escuro. Os caminhos sempre foram perigosos. As vezes os igarapés alagavam, As vezes faltava peixe, As vezes comíamos bem, As vezes só tinha farinha. Notícias, só de vez em quando nos rádios dos barracões, ou dos regatões. A dívida consumia todo o trabalho. Escola era palavra proibida. Saúde só pros patrões. O futuro era alguma coisa que parecia que não chegaria. Aí, em cima da dor, da terra espinhosa, começamos a cultivar a flor, A luz passou a ser construída. A nossa união começou a ser a poronga acesa que alumia o caminho, e nossa luta, mesmo com sangue derramado, do nosso lado, cresceu e começamos a construir nosso futuro, sem patrão, sem exploração e sem violência. Hoje nossos filhos começam a sentir que vale a pena a vida, com a nossa proposta da Reserva Extrativista. E o índio é nosso companheiro nesta caminhada... Da qual estamos dando hoje mais um passo com o I Encontro dos Povos da Floresta.



Uma autêntica pajelança para iluminar os caminhos na luta dos índios, seringueiros, ribeirinhos e colonos pela preservação da Amazônia abriu o I Encontro dos Povos da Floresta, sábado à noite no Ginásio Coberto. Houve, também, a volta ao estádio de um representante índio, em traje típico, (Roque de Souza, Iawanawá) e um seringueiro, com poronga e espingarda (o presidente do Sindicato de Trabalhadores Rurais de Xapuri, Júlio Barbosa de Aquino). Juntos, o seringueiro e o índio, que simbolizam a União dos Povos da Floresta, leram mensagens-denúncias (vide nesta página).

Discursaram na ocasião lideranças indígenas e de seringueiros, e outros participantes convidados para o evento. O ator da TV Globo Paulo Betti leu um manifesto dos artistas do Rio de Janeiro em apoio ao movimento. O presidente do Instituto do Meio Ambiente do Acre, Marco Antônio Mendes, disse ser a expectativa do governador Flaviano Melo, que representava na ocasião, "que dali saíssem propostas concretas". E lembrou que num seminário de meio ambiente em 88 foi originada a criação da primeira reserva extrativista, no seringal São Luís do Remanso.

Houve também música na abertura, a cargo dos cantores-compositores Sérgio Souto e Vital Farias. Compareceram ainda o vice-presidente da CUT, Avelino Ganzer, o deputado federal do PT, José Genoíno, a presidente do Instituto de Estudos da Amazônia, Mary Alegretti, e o bispo da Diocese de Rio Branco, dom Moacyr Grechi, e o indigenista Terry Aquino.

Raimundo Barros, tesoureiro do Conselho Nacional de Seringueiros, disse que Chico Mendes foi morto pela UDR, "entidade assassina". "Mas a luta continua. Tiraram a flor, mas não mataram a árvore. Nós agora temos a responsabilidade de continuar a defesa da Amazônia, dando um basta à violência. Não podemos continuar de cabeça baixa, mesmo que isso custe a repressão do poder público", afirmou.

INTERNACIONALIZADA

Barros criticou "a política assassina do presidente Sarney que anunciou a formação de uma polícia especial para guardar a Amazônia - essa polícia já existem e são os índios e seringueiros, que tiram os produtos da mata e não devastam", disse. O tesoureiro do CNS teceu críticas ainda ao projeto "Nossa Natureza", do Governo Federal. "A natureza deles não é a dos índios e seringueiros", afirmou. O líder seringueiro acrescentou que "a Amazônia já está internacionalizada - desde que os militares tomaram o poder. Uma prova é o projeto Jari. Os que se solidarizam com o nosso movimento não são os governos dos Estados Unidos ou da Alemanha ou Holanda, mas segmentos da sociedade organizada nesses países que sabem que o Brasil tem uma política de meio ambiente irresponsável".

REFORÇO DA BASE

O bispo da Diocese de Rio Branco, dom Moacyr Grechi, disse que a fala de Raimundo Barros é um sinal dos tempos, por ter "objetividade, veemência e visão". Expressou a solidariedade da "Igreja oficial" ao movimento de seringueiros e índios, colonos e ribeirinhos, e recomendou para que continuem "o trabalho sério de reforço da base, senão todos os encontros serão em vão, e não atingirem suas metas". Segundo o bispo, a presença no encontro serve para favorecer os povos da floresta e dar assessoria ao movimento, inclusive jurídica. O deputado federal José Genoíno disse que a ameaça à soberania da Amazônia não ocorre porque os povos da floresta estão organizados para a defesa da preservação, como quer o governo federal, mas pelo modelo de desenvolvimento imposto pelo grande capital, que levou à violência no campo e contra a natureza. A luta pela defesa dos direitos humanos não tem pátria. A Amazônia é um bem da humanidade, e não aceitamos esse nacionalismo arcaico e mistificador de Sarney. A

ameaça à soberania é o pagamento anual de US\$ 3 bilhões de dívida externa", afirmou.

NÃO É SOBERANIA

Genoíno Neto saudou "a opinião pública democrática dos Estados Unidos, Alemanha e a sensibilidade da imprensa mundial que deu a repercussão merecida à morte

de Chico Mendes, que foi um símbolo da violência secular cometida contra índios, seringueiros e trabalhadores rurais no Brasil. Não é a soberania que está em jogo, mas a defesa da floresta que foi violada pelo fogo e pela ganância dos madeireiros, pecuaristas e mineradores, a fim de especularem com os recursos naturais.

Júlio Barbosa, seringueiro e Roque Iawanawá, índio, vestiram seus trajes para selar a união dos povos da floresta no encontro do Ginásio Coberto



D. Moacyr Grechi defendeu o direito de índios e seringueiros na abertura do Encontro dos povos da Floresta, que contou com a presença de representantes de todo o mundo